

# Em sonhos, pesadelos reais

Estudo mostra que violência está muito mais presente no sono de crianças pobres do que no de ricas

■ NATALIA VON KORSCH  
natalia.korsch@extra.inf.br

■ “Final de Copa do Mundo. Eu sou o Ronaldinho Gaúcho. Entro em campo confiante numa vitória e, alguns minutos depois, sou violentamente atingido por um jogador do time adversário. Caio, bato a cabeça e morro ainda em campo”.

Previsão macabra? Não, apenas um dos muitos sonhos recorrentes entre as crianças da Favela do Jacarezinho, na Zona Norte do Rio. Desde junho de 2005, psicólogos da ONG Inmed, de São Paulo, analisam semanalmente os so-

nhos de 354 crianças da segunda maior favela da cidade, superada apenas pela Rocinha.

Os alunos da Escola Municipal Alberto Monteiro de Carvalho, no Jacarezinho, repetem a experiência do psicanalista Roberto Gambiny em um colégio de elite em São Paulo. A diretora executiva da Inmed, Joyce Capeli, explica as diferenças entre os sonhos das crianças ricas e pobres:

— As mais abastadas também sonham que são o Ronaldinho Gaúcho. Elas, porém, sempre saem de campo com a taça nas mãos. Faltam para os mais pobres experiên-

cias de vida que lhes dêem a certeza de que vão vencer.

Idealizações à parte, a realidade dessas crianças também se faz presente durante as noites de sono. São sonhos que, na maioria das vezes, estão mais para pesadelos.

— Há crianças que estão a um passo de entrar na delinquência. Em um dos sonhos, por exemplo, o aluno vê um homem que lhe dá uma mala e o obriga a entregá-la, senão ele morrerá. O sonho pára aí — conta Gambiny, acrescentando que as análises ajudam os professores a orientar melhor os alunos.

## De diferente, sempre o final da história

■ As crianças da escola particular Lourenço Castanho, no bairro paulista do Morumbi, foram as primeiras a terem seus sonhos analisados por Roberto Gambiny. Desde 1997, ele catalogou cerca de 20 mil sonhos nessa instituição de ensino.

O conteúdo dos sonhos, porém, é muito parecido com o das crianças do Jacarezinho. O diferencial, segundo o psicanalista, é o final da história:

— O filme (do sonho) é diferente, mas a função é a mesma. As crianças são iguais. O sonho diz muito de nós, da nossa vida e da nossa realidade.

### ENTREVISTA

JOYCE CAPELLI  
PSICÓLOGA

## ‘É uma forma de educar melhor’

— Qual o objetivo de analisar os sonhos infantis?

— Identificar possíveis padrões de comportamento violento e anti-social. Com base nas análises, os professores conseguem evitar que a criança se envolva com o crime ou descobrir se ela tem problemas de relacionamento com a família.

— Mas isso não seria trabalho de um psicólogo?

— Os sonhos não são monopólios dos psicoterapeutas. Os educadores têm o direito de trabalhar com os sonhos, mas a maneira de lidar com eles é diferente.

Em vez de tratar distúrbios, eles vão usar os sonhos de forma a educar melhor.

— Como isso é feito?

— Cada criança tem um padrão de sonho. Quando sai dele, sabemos que há algum conflito.

— Não há o risco de as crianças inventarem os sonhos?

— O que acontecia muito era elas se influenciarem pelo que o colega contava antes. Então modificamos a forma: em vez de simplesmente falarem de seus sonhos, eles agora devem desenhá-los e explicá-los depois.

### OS DESENHOS DAS CRIANÇAS DO JACAREZINHO



■ “Eu sonhei que meu tio morreu de tiro e eu estava com ele”



■ “Eu sonhei que estava morto”

■ “Eu e minha mãe estávamos passeando e a polícia atirou em mim e na minha mãe também”